

Para Salvar e Curar

Por DAVID MOLLER

No início da manhã de 4 de fevereiro de 1998, Gabriella Mazzali, 27 anos, deu entrada no Hospital Concord parecendo pouco mais do que uma deplorável ferida aberta e enegrecida. Com queimaduras em mais de 90% do corpo, apenas o rosto, a cabeça, a palma das mãos e



Vida destruída – Gabriella Mazzali precisou aprender a viver com as marcas de um pesadelo.

algumas áreas do ventre haviam escapado de ferimentos graves. Suas funções vitais – coração, pulmões, rins – começaram a falhar uma após a outra, antes de serem recuperadas pela equipe de médicos e enfermeiras da terapia intensiva. Depois de lutar por muitos dias para salvar-lhe a vida, o Dr. Peter Haertsch informou à mãe e ao padrasto de Gabriella, Sandra e Terry Cooling, vindos da Grã-Bretanha, que os médicos aparentemente estavam perdendo a batalha.

GABRIELLA, uma jovem atraente, *mignon* e de cabelos dourados, havia chegado à Austrália cerca de dois anos antes. Após ter se formado enfermeira no Royal Free Hospital, em Londres, com apenas 24 anos vencera a concorrência de mil candidatos para um posto de enfermeira na Austrália, que parecia oferecer tudo que ela queria na vida. Tinha seu carro e um apartamento de um quarto próximo ao trabalho. Deleitava-se com o clima ameno e ensolarado de Sydney. Havia piqueniques na praia com amigos quase o ano todo.

Num dia de março de 1997, estava com amigos em uma festa na área do porto de Sydney, quando se viu conversando com um desconhecido. Stephen Rae, 32 anos, também estrangeiro, estava no país o mesmo tempo que ela e ensinava inglês para imigrantes. Atarracado, embora não fosse atraente pelos padrões convencionais, possuía um charme natural

e um irônico senso de humor. Nasceu em Crieff, na Escócia, e, assim como Gabriella, havia viajado muito, tendo sido professor em Taiwan durante quatro anos. Nenhum dos dois tinha família na Austrália. Pareciam ter muito em comum. Antes do fim da noite, trocaram telefones e, uma semana depois, começaram a sair juntos.

Entretanto, havia problemas no relacionamento. Com o passar do tempo, Stephen se tornou autoritário, criticando os amigos de Gabriella e sua aparência. Sempre que ela falava em algum tipo de compromisso futuro, ele mudava de assunto.

Convencida de que o relacionamento não ia a lugar algum, Gabriella decidiu terminá-lo de vez em janeiro de 1998, depois de uma fracassada tentativa de reconciliação. Mandou trocar as fechaduras do apartamento, mas Stephen não a deixava em paz. Ligava sete ou oito vezes por dia e aparecia em bares e restaurantes onde ela se reunia com amigos.

Logo após a meia-noite de 4 de fevereiro de 1998, Gabriella foi despertada abruptamente por uma pancada na porta seguida do ruído de madeira se quebrando. De repente, Stephen estava dentro do apartamento, segurando uma caixa de leite de dois litros cheia de algum líquido. O cheiro era inconfundível: gasolina. Antes que Gabriella pudesse fugir, o líquido a havia encharcado.

Desesperada, fugiu do apartamento, gritando por socorro. Stephen a seguiu. Um vizinho, Steve Swain,

alertado pelos gritos da jovem, correu e tentou agarrar Stephen.

Tarde demais. Mesmo enquanto os dois homens lutavam, Stephen conseguiu tirar um isqueiro do bolso. Um clique. Outro clique. Gabriella ouviu um barulho semelhante a um trovão e se viu envolta pelas chamas.

Ela foi cambaleando até a escada. Pensou que, caso se atirasse de graus abaixo, as chamas talvez se apagassem, pondo fim à dor. Quando chegou ao chão, rolando, parecia uma trouxa amarrotada, ainda ardendo.

Logo depois o lamento de uma sirene de ambulância cortava o ar sufocante da noite. A única sorte de Gabriella naquele instante foi estar perto de uma das melhores unidades de queimados do mundo – a do Concord – o hospital em que ela trabalhava. No segundo andar, na UTI, Gabriella foi rapidamente entubada e colocada em um ventilador para manter os pulmões funcionando. Cateteres endovenosos foram inseridos para administração de sedativos, analgésicos e reposição do líquido perdido pelo organismo.

Os médicos fizeram longas incisões com bisturi – escarotomias – nos bra-

ços e nas pernas, em torno do pescoço, no peito e na cintura, para garantir que, com a contração do tecido queimado, não fosse interrompido o fluxo sanguíneo às extremidades ou a qualquer outra parte do corpo. Enquanto o Dr. Peter Kennedy, que seria o principal responsável por Gabriella,



Tempos felizes – Antes da separação, Gabriella e Stephen pareciam ter muito em comum.

examinava a figura deplorável e enegrecida, apenas dois aspectos lhe davam esperanças: o rosto e a palma das mãos estavam relativamente intactos. *Ao menos haveria alguma qualidade de vida. Ela teria uma aparência razoável. Restariam algumas atividades que Gabriella poderia realizar por si mesma – se sobrevivesse.*

Em casos de queimaduras, o cálculo aproximado normal consistia em somar a porcentagem de queimaduras à idade da vítima: 100 era considerado o limite máximo para a

sobrevivência. A pontuação de Gabriella era de 117.

Por mais de uma semana, sua ressuscitação oscilou perigosamente para cima e para baixo. Logo a maior preocupação dos médicos passou a ser a remoção dos tecidos queimados. Enquanto permanecessem na vítima, liberariam mais toxinas no organismo, havendo assim o risco constante de falência múltipla de órgãos.

Os cirurgiões não puderam retirar de uma só vez toda a carne enegrecida, pois Gabriella dispunha de áreas mínimas de onde os enxertos poderiam ser extraídos para substituir a pele queimada.

No passado, as queimaduras graves eram temporariamente cobertas com enxertos de parentes ou mesmo com pele de cadáveres. Mesmo que não surgissem infecções, tais enxertos tendiam a ser rejeitados em três ou quatro semanas. Com queimaduras de tais proporções, o Dr. Kennedy e o Dr. Peter Haertsch, cirurgião plástico que assumiria o controle da maior parte dos enxertos e da cirurgia reconstrutiva em Gabriella, deram-se conta de que uma solução mais radical seria necessária.

Enxertos sintéticos

POR SORTE, alguns dias antes da chegada de Gabriella, os dois médicos haviam solicitado autorização da Administração de Artigos Terapêuticos (TGA) da Austrália para usar uma pele sin-

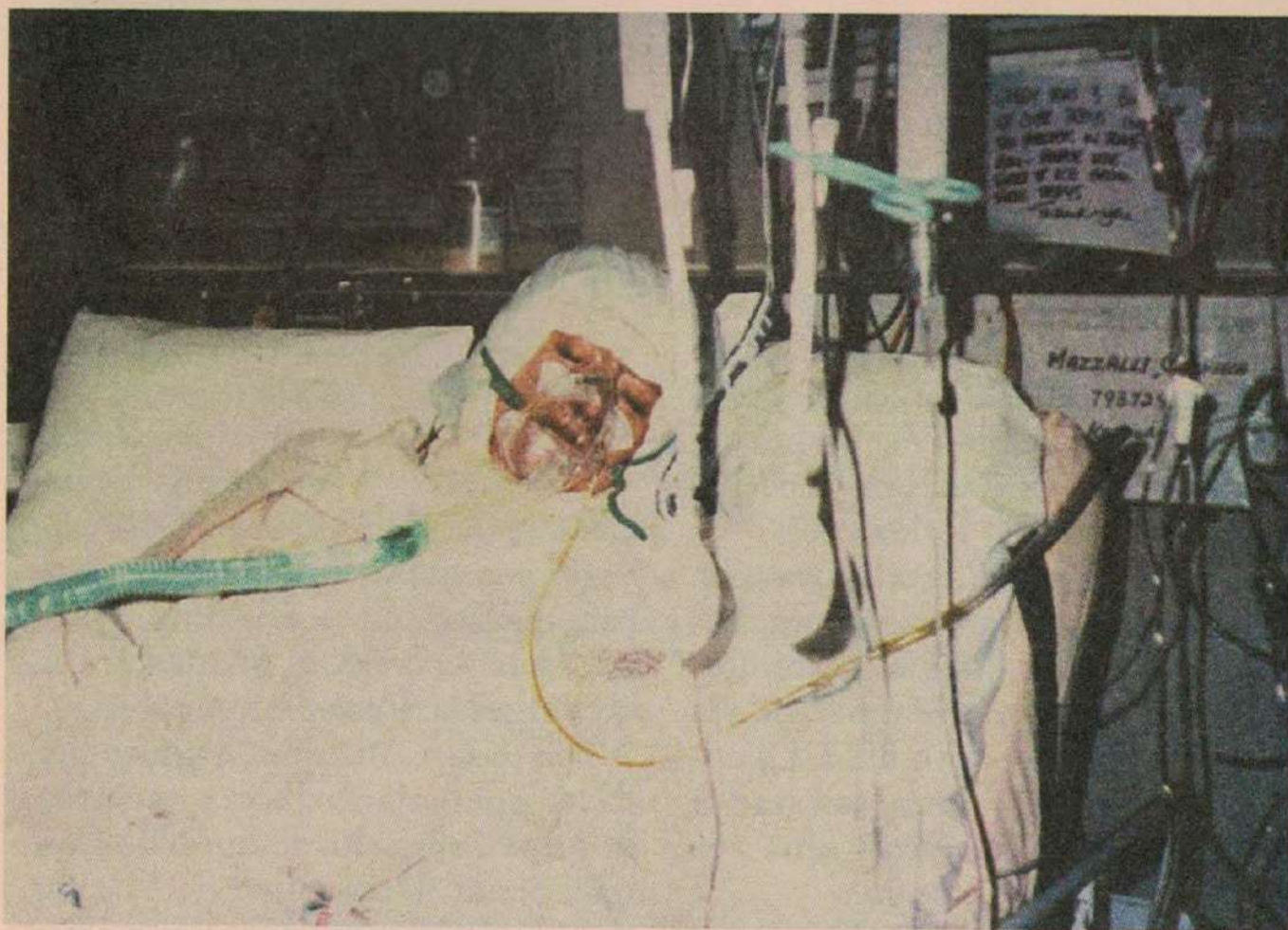
tética desenvolvida pioneiramente nos Estados Unidos, chamada TransCyte. Sua imensa vantagem – tendo sido produzida a partir de células coletadas do prepúcio de bebês, denominadas fibroblastos, congeladas a baixíssimas temperaturas – era poder fabricar os fatores de cicatrização de ferimentos e de crescimento de tecidos de que Gabriella necessitava. Era, no entanto, muito cara: aproximadamente 2.350 dólares australianos por duas lâminas do tamanho de um cartão de Natal comum.

Horas depois da internação de Gabriella, os médicos tornaram a contactar a TGA e submeteram um requerimento específico, necessário para o primeiro uso clínico do produto na Austrália. Após mais algumas horas, um lote do produto vital estava a caminho de Sydney por avião.

Na primeira operação – dez dias depois da internação de Gabriella –, os cirurgiões removeram praticamente 40% da pele lesionada de ambas as pernas e de parte das costas. Após remover o tecido enegrecido até alcançar gordura ou músculo, colocaram as lâminas de dois milímetros de espessura da TransCyte, cuja camada externa de silicone se assemelhava a uma folha espessa de celofane.

Ali permaneceriam até que Gabriella produzisse uma nova camada de pele em seu couro cabeludo – de onde também haviam sido retirados enxertos. A operação demorou uma hora e meia. Gabriella foi então levada de volta à UTI.

Para ela, o pesadelo não tinha



Alto custo – Os cirurgiões pediram permissão ao governo para usar técnicas inovadoras no tratamento das graves queimaduras de Gabriella.

fim. Sonhava constantemente que Stephen ainda a perseguia. Podia escutar sua voz: “Vim para matar você. Vim para matar você.”

Com o tubo na garganta, não conseguia falar nem gritar. Seus braços imobilizados em forma de crucifixo, a fim de esticar a pele e prevenir futuras contraturas do tecido queimado ou enxertado, não podiam alcançar a campainha para pedir socorro. Estava envolta em ataduras – encharcadas de sangue e fluido seroso que vazavam de modo contínuo de seu corpo torturado. Expressava medo ou dor apenas com os olhos.

Gabriella, no entanto, nada mais

tinha a temer de Stephen. Ele se encontrava em coma em outro hospital. Após a agressão, desaparecera cambaleante na noite e, 45 minutos depois, apresentara-se à delegacia de Ashfield. “Cometi um crime horrível”, disse antes de desmaiar pelos efeitos da inalação de fumaça. Havia sofrido 10% de queimadura nos braços, na perna direita e na garganta.

Cirurgia após cirurgia, Haertsch e Kennedy trabalhavam rapidamente para remover mais pele queimada de Gabriella e substituí-la ora com pele sintética TransCyte, ora com enxertos do couro cabeludo.

“Não vamos poder tirar muito

mais enxertos da cabeça”, advertiu Haertsch. Cada vez que removiam do couro cabeludo enxertos da recém-desenvolvida epiderme – a camada externa – eram obrigados a retirar quantidades mínimas da camada interna – a derme. Nela se encontravam o suprimento de sangue vital para o controle da temperatura e os elementos epiteliais responsáveis pela durabilidade da pele, que ajudam a cicatrizar ferimentos.

Os problemas se multiplicavam. Enxertos não se consolidavam. Infecções surgiam. As vias respiratórias obstruíram-se e ela teve de ser levada às pressas para a UTI. Quando contraiu pneumonia, respirar se tornou uma agonia. Mais uma vez sua vida estava por um fio.

Uma noite, no início de março, um mês depois de ser internada, foi transferida para um quarto com outro paciente. “Você vai poder ouvir dele como melhorar”, comentou uma enfermeira. Um jovem que havia sofrido graves queimaduras seria seu novo companheiro de quarto.

No dia seguinte, porém, o estado dele subitamente piorou. O rapaz sofreu uma parada cardíaca e morreu logo depois.

Um desânimo sombrio invadiu Gabriella. *Poderia acontecer comigo?*, perguntava-se ela. *Será que posso morrer durante a noite?* Às vezes, era o que ela desejava. Parecia a única escapatória possível da dor excruciante.

Em meados de março, Gabriella retornou à UTI com septicemia causada por uma infecção na perna es-

querda. Havia risco de perder a perna. Gabriella passou seu 28º aniversário, 18 de março, em estado febril.

Mão amiga

DIAS antes, inesperadamente, Gabriella recebera um cartão de uma desconhecida chamada Donna Carson. Dizia: “Querida Gabriella, estou pensando em você e torcendo para que continue sendo forte. Você é uma mulher corajosa. Mantenha a cabeça erguida. Você é muito especial.”

Em toda a Austrália, é pouco provável que haja melhores exemplos de força de espírito do que o de Donna Carson. Uma ruiva de 41 anos, mãe de dois filhos, Donna havia passado por quase tudo que Gabriella estava passando e, em vários aspectos, por muito mais. Morando em Wingham, Nova Gales do Sul, cerca de 320 quilômetros ao norte de Sydney, lera apenas alguns detalhes sobre o caso de Gabriella no jornal, mas soube que poderia ajudá-la.

Donna também havia sido brutalmente queimada por um ex-namorado – alguém que amara e em quem confiara, com quem desejara compartilhar a vida. Em questão de minutos, porém, perdera a saúde, a beleza, a carreira e o lar. Com queimaduras em 65% do corpo, sofrera 19 operações e passara cinco meses e meio no Westmead Hospital, em Sydney. Já havia percorrido aquela estrada longa e desgastante que se

estendia diante de Gabriella, mas, se a jovem assim o desejasse, Donna acreditava que poderia poupá-la de parte do trauma e da angústia.

Sandra Cooling, mãe de Gabriella, respondeu ao cartão de Donna, que depois lhe escreveu dizendo que estaria em Sydney em março. Gostariam de vê-la? Sandra agarrou-se à oportunidade. Estava quase no fundo do poço. Na época, Gabriella já tinha se submetido a seis grandes cirurgias.

“Gabriella pergunta por você o tempo todo e está ansiosa para vê-la”, escreveu Sandra.

No domingo, 22 de março, Donna se dirigiu ao sétimo andar do Concord Hospital. Tudo que podia ver de Gabriella eram as pontas dos dedos dos pés e das mãos e uma pequena parte do rosto.

– Como faço para a dor parar? – perguntou Gabriella.

Donna lhe disse que não havia co-

Com a voz chiada e rouca, herança das lesões nas vias respiratórias, Donna respondeu às perguntas.

Sandra queria fazer perguntas a Donna sobre o estado da filha e sobre as perspectivas futuras.

Durante quatro horas, em uma sala de espera do Concord Hospital, Sandra se abriu com Donna, fazendo perguntas a que ninguém mais parecia ter tempo ou condições de responder. “Muitas vezes os médicos simplesmente não sabem a resposta”, disse Donna. “Esse é um campo novo. Só nos últimos anos é que estão conseguindo salvar vítimas de queimaduras tão graves.” Com a voz chiada e rouca, herança das lesões nas vias respiratórias e nos pulmões, Donna respondeu com calma a todas as perguntas.

Uma semana depois, Donna recebeu outra carta de Sandra, implorando-lhe que voltasse a Sydney.

mo. Os olhos de Gabriella se encheram de lágrimas:

– Pensei que você pudesse fazer a dor desaparecer.

Apesar de tudo que viveu, Donna estava despreparada para a sensação da mais completa impotência que agora experimentava diante do sofrimento de outra pessoa. Passou uma hora e meia sentada ao lado de Gabriella. De vez em quando tocava a pele ao lado das narinas da jovem – o local onde ela própria havia antes sido confortada.

– Seus olhos são tão bonitos, com esses cílios longos... – disse ela.

Os olhos azul-esverdeados de Gabriella brilharam com as lágrimas.

– Você está indo muito bem, Gabriella – acrescentou Donna. – O pior vai passar logo.

Na verdade, Donna sabia que haveria muitos meses mais de cirurgias, de horríveis trocas diárias de curativos, de momentos de tensão entre paciente e equipe médica, que quase nada podia fazer sem provocar ainda mais dor.

Regime impiedoso

HORAS DEPOIS da chegada de Gabriella ao Concord, Frank Li, fisioterapeuta especializado em queimaduras graves, um homem ágil de 37 anos, natural de Hong Kong, começara a administrar os exercícios necessários para manter o funcionamento dos pulmões da jovem, deslocando qualquer excesso de muco até as vias respiratórias principais, onde então podia ser aspirado. Li e sua equipe manipulavam mãos, pés, braços e pernas para evitar a formação de depósitos de cálcio que poderiam enrijecer as articulações, se a paciente ficasse imóvel por muito tempo.

Acima de tudo, era vital esticar a pele recém-enxertada. Os braços tinham de permanecer estendidos e imobilizados durante a noite, para impedir contraturas que poderiam deixar o corpo com alguma distorção grotesca e incapacitante. Com o passar do tempo, as contraturas muitas vezes pareciam piores.

– Não consigo fazer isso! Ainda não estou pronta! – gritava Gabriella.

As enfermeiras tentavam tranquilizá-la, enquanto lhe untavam o corpo frágil e dolorido com creme hidratante.

Toda vez que Gabriella conseguia encontrar uma posição relativamente indolor na cama, uma enfermeira a virava para garantir que os pulmões ficassem limpos do muco e para prevenir escaras.

Donna era agora seu modelo. A partir da segunda visita, Gabriella a observava com atenção, enquanto ela caminhava pelo quarto e movia os braços. Maravilhava-se com o fato de que Donna pudesse usar saltos altos e alcançar uma prateleira alta. Tocava-lhe a pele para sentir a textura. Bombardeava-a com perguntas. Ela conseguia se agachar? Donna disse que sim. “Mostre-me.” Consequia tocar as próprias costas? “Quero ver.”

Apesar de toda sua experiência em encorajar pacientes, as enfermeiras e os fisioterapeutas jamais haviam sofrido queimaduras graves. Donna, já. Se Donna era capaz de fazer algo, Gabriella pensava que, um dia, ela também seria.

Além de proporcionar incentivo físico, Donna estava decidida a alimentar a alma de Gabriella, a trazer algo do mundo exterior para o cinza monocromático do hospital. Sabendo o quanto ela gostava do mar, trouxe para o quarto um pôster do pôr-do-sol em uma praia com palmeiras.

Pediu ao filho de 6 anos, Bodean, que fizesse desenhos para Gabriella.

Enviava cartões-postais de suas curtas viagens a cidades próximas. Donna descrevia o passeio de barco e o som que ele fazia ao deslizar pela água, a sensação do vento em seu corpo e o efeito do sol brilhando sobre o mar. “Esses detalhes simples vão deliciá-la quando sair do hospital”, escreveu. Mandou um bonito chapéu para Gabriella usar até que os cabelos crescessem de novo.

Para Gabriella, a terapia da unidade de queimados do Concord continuava a parecer brutalmente cruel. Embora as enfermeiras não precisassem de mais do que dez minutos para lhe servir o café da manhã, a refeição agora era deixada ao seu alcance e ela era obrigada a se inclinar para a frente, de algum jeito abrir a caixinha de cereais, erguer hesitantemente uma xícara, guiar a colher da tigela até a boca e, no decorrer de uma hora, fazer a mais espantosa sujeira.

Mas Gabriella estava começando a entender o processo. Seus gritos de angústia nas sessões de fisioterapia alternavam-se com um corajoso “Faça o que tem de ser feito”.

Mas ainda havia outro verdadeiro horror a caminho: a mesa reclinável. Era nessa engenhoca que Gabriella deveria ser gradativamente levada a se erguer. Apesar do apoio para os pés, após semanas na posição horizontal, a dor do sangue fluindo nos membros inferiores era agônica, mesmo com os analgésicos. Haveria muitas sessões até que as enfermeiras conseguissem colocá-la de pé.

Donna estava sempre atenta aos

progressos de Gabriella. “Agora você está se sentando. Na última vez em que a vi, ainda não conseguia fazer isso.” Não era à toa que ela havia sido professora do ensino fundamental. Estimulava Sandra a tirar fotos de Gabriella a cada visita, a fim de registrar as mudanças.

Voz da experiência

ALÉM DO apoio contínuo, Donna agora estava orientando Gabriella e a família sobre os aspectos legais do caso. Seus conselhos baseavam-se nos frutos de sua amarga experiência. No primeiro encontro com a mãe e o padrasto de Gabriella, insistira para que tirassem fotos de Gabriella e de suas lesões imediatamente.

“Eu sei que há um longo caminho à frente, mas quem fez isso a Gabriella poderá ir a julgamento somente daqui a um ano ou mais. A essa altura, ela já vai estar falando e andando. Os cabelos já terão crescido. Ela vai ter outra aparência.” Aí então seria muito mais fácil para o advogado de defesa argumentar que o réu não tivera intenção, que tudo não passara de um lamentável acidente. “Mas olhe sua filha agora. É isso que o tribunal precisa ver.”

Sandra e Terry Cooling estavam perplexos. Tinham suposto que a polícia, ou o hospital, havia tirado as fotos. Donna lhes abriu os olhos. Precisavam fotografá-la ou mesmo filmar em vídeo, e rápido. “Neste momento,



Salvador – O cirurgião plástico Haertsch fez os enxertos de pele em Gabriella.

há uma imensa simpatia por vocês e por Gabriella. Mas não pensem que isso vai se traduzir numa ação efetiva dentro do sistema judicial.”

Quando Donna conheceu Gabriella melhor, revelou-lhe detalhes de sua história e de seus problemas – muitos deles ainda presentes.

Aos 30 e poucos anos, ela era uma professora bonita e eficiente numa escola primária de Dubbo, uns 400 qui-

lômetros a noroeste de Sydney. Sua vida pessoal, no entanto, deteriorava-se lentamente. Donna recebia pouco apoio do marido, e tinha de trabalhar e educar os filhos sozinha. Depois de 14 anos e meio de casamento, decidiu que estaria melhor só.

Após a separação, por um ano permaneceu sozinha. Até que seus vizinhos apresentaram-lhe Garry Clynes.

Calado e forte, Clynes ajudava o irmão numa fazenda nas imediações. Embora fosse 12 anos mais novo do que Donna, na época com 36 anos, parecia confiável e trabalhador, e se dava bem com os meninos – Coe, 12 anos, e Bodean, 2 anos e meio. Garry acabou indo morar com ela no começo de 1994 e, por alguns meses, tudo parecia correr bem. Logo, porém,

Donna viu que o relacionamento não ia dar certo. Era apenas uma questão de escolher o melhor momento para dizer isso a ele.

O dia 1º de abril de 1994, Sexta-feira Santa, era o dia seguinte ao 37º aniversário de Donna. Naquele começo de noite quente, ela estava no quintal, descalça, vestindo *jeans* e blusa leve, antes de preparar o jantar.

Na penumbra, viu Garry tirando

gasolina do carro dela com o sifão. Quando perguntou a ele o que estava fazendo, ouviu que a gasolina iria para outro carro, que ela sabia que não estava em condições de rodar. Enquanto Donna o censurava, de repente se viu sendo empurrada contra a parede da casa.

No instante seguinte a gasolina a atingiu. Esfregou o rosto para limpar os olhos. Quando os abriu, não pôde acreditar no que via: Garry segurava um isqueiro a uns 30 centímetros de seu rosto. Ouviu um clique.

lidade, um dos motivos de seu empenho em ajudar Gabriella foi o tratamento que ela recebera. Para Donna, pareceu uma eternidade até que se iniciasse a investigação policial. Sua frágil saúde só permitiu que prestasse um depoimento completo à polícia nove meses depois, quando por fim a acusação formal foi feita.

O pavor que ela sentia de Garry Clynes, de sua família e de seus amigos fez com que mudasse de cidade. Assim, foi por acaso que recebeu de um velho amigo um recorte do jornal

O atentado contra sua vida fora agora reduzido a um simples ato de negligência – um acidente.

Num segundo ela estava em chamas e começou a correr e a rolar pelo chão. Atraído por seus gritos, um vizinho, Trevor Dunn, saltou a cerca para ajudar a molhá-la com a mangueira. Coe correu para dentro de casa a fim de chamar a Emergência. Um helicóptero transportou Donna ao Westmead Hospital.

Em um momento de descuido, um membro da equipe médica murmurou para a mãe de Donna:

– Seria mais humano se ela morresse. A senhora nunca vai levar sua filha para casa.

Desafiante, a mãe respondeu:

– Você não conhece Donna.

Mas piores choques a aguardavam nas mãos do sistema judicial. Na rea-

da cidade que deixara. Garry Clynes havia se declarado culpado por lesões corporais de natureza grave.

Donna não podia acreditar em seus olhos. Imediatamente, ligou para a Diretoria da Promotoria Pública (DPP). Como era possível que a acusação original – que especificava dolo (intenção) – tivesse sido alterada para culposa?, perguntou. “Foi o que ele declarou, e foi o que nós aceitamos”, informou-lhe um advogado da DPP.

Donna ficou tão revoltada que dirigiu 580 quilômetros até Dubbo para falar com os promotores. Lá, confrontou um advogado que negou a insinuação de que haviam feito um acordo no caso. Informou-a de que as fotos e a carta que ela enviara eram

irrelevantes do ponto de vista legal.

Donna ficou chocada ao perceber que os tribunais não estavam interessados em conhecê-la. O atentado contra sua vida fora agora reduzido a um simples ato de negligência – um acidente. Pena máxima: dois anos.

Estava aprendendo rápido como o sistema funcionava. Como vítima – uma pessoa sem importância –, era simplesmente um estorvo, alguém a ser conservado bem longe do tribunal. O importante parecia ser manter o sistema funcionando sem tropeços: acordos perfeitos, sentenças rápidas,

munhar e ser vista pelo juiz?” Foi informada que teria de fazer um requerimento especial.

Ao entregar o requerimento a um funcionário da DPP, ele a avisou de que estaria sujeita a inquirição. “E isso é pior do que ser incendiada?”, respondeu Donna.

Quando Garry Clynes se declarou culpado de uma acusação menos grave, houve um recesso de um mês, antes do proferimento da sentença, requerido pelo réu. Será que esperavam que Donna fosse embora?

Em 8 de março de 1996, quase dois

Emergindo da pilha de papéis diante do juiz, Donna tinha, enfim, se tornado uma pessoa real.

eficiência para juízes e advogados.

Teria ela escapado da morte, o rosto praticamente consumido pelas queimaduras, a vida em frangalhos, para ser tratada assim – para seu quase assassino passar apenas dois anos na prisão? Mas o pior estava por vir: o advogado lhe disse que o juiz encarregado da sentença teria várias opções, de prisão e multa a fiança condicionada a bom comportamento.

Donna ficou estupefata. O homem, ainda solto sob fiança, poderia escapar de ser preso. “Quero que o juiz me veja”, disse Donna. “Quero que ele me olhe nos olhos e conheça minha vida antes de decidir.” Insistiu: “O que preciso fazer para teste-

anos depois do crime, ela obteve o direito de ser ouvida no tribunal. O juiz a fitou, obviamente atônito com o que via. Emergindo da pilha de papéis diante dele, das montanhas de relatórios médicos, Donna tinha finalmente se tornado uma pessoa real. O juiz disse que precisava de tempo para reestudar o caso e ordenou que Clynes permanecesse sob custódia.

Uma semana depois, sem poder modificar a acusação inicial, o juiz Terence Christie declarou no tribunal: “O público vai achar muito difícil entender por que eu não posso dar a este homem nem ao menos a sentença máxima de dois anos.” Conforme a defesa corretamente assinalara,

como réu primário e confesso, Clynes tinha direito à redução obrigatória da pena. A sentença: 15 meses de prisão, seguidos de nove meses de liberdade condicional.

Façanha exaustiva

QUANDO O agressor de Gabriella Mazzali, Stephen Rae, recuperou-se o bastante para enfrentar o sistema judicial, tudo indicava que Gabriella receberia o mesmo tratamento que Donna. Stephen negava qualquer responsabilidade pelo ataque e mudava constantemente de advogados. A cada mudança, os novos advogados conseguiam mais tempo para preparar a defesa.

Donna não se cansava de repetir a Gabriella que ela também poderia se tornar uma vítima anônima e sem rosto – alguém a ser mantido longe do tribunal. Donna ressaltou: “Não pense que os profissionais, os chamados especialistas, vão lhe garantir um tratamento justo no tribunal.”

Naquele momento, porém, Gabriella ainda mal podia se levantar da cama. Mais uma vez, sua recuperação tinha mergulhado em uma de suas baixas periódicas. Apesar das 11 cirurgias, os médicos acreditavam que ela voltaria a andar, mas, para Gabriella, estava se tornando cada vez mais óbvio que o faria com extrema dificuldade.

No entanto, não entregava os pontos. Visualizava a cena em que saía

caminhando do hospital. Se Donna podia andar, ela também poderia.

Por fim, Gabriella conseguiu ser erguida até ficar de pé e, com ajuda, sentar-se numa cadeira. Em seguida, conquistou os primeiros passos, usando um andador especial com apoio para os antebraços. Mas algum dia conseguiria andar por conta própria? Uma tarde, estava sentada sozinha no quarto. *Força, Gabriella. Força*, disse a si mesma. Sentindo muitas dores, avançou-se para se pôr de pé e ensaiou um passo à frente. *Força*. Mais alguns passos e estava no corredor.

Voltou cambaleando para o quarto. Estava queimando de calor, pois não podia mais transpirar. Exaurida, mas exultante. Era uma façanha que só repetiria semanas depois. Mas conseguira, ao menos uma vez. Ela conseguira!

Enquanto Gabriella se recuperava, Donna falava sobre as imensas mudanças que haveria em sua vida. “Não adianta tentar encontrar um sentido no que não tem. Perdi muito tempo tentando entender por que não previ o que estava para acontecer. Quatro anos depois, não estou mais perto da resposta, porque não existe resposta.”

“As pessoas me diziam: ‘Por que você não volta a dar aulas?’ Mas eu não posso. A pessoa que eu era morreu. Hoje sou fisicamente incapaz. Depois do que se perdeu, não há como retornar e fingir que tudo voltou ao normal. Mas me foi dada uma segunda chance – ainda posso ajudar os outros. Você é enfermeira forma-

da e agora tem conhecimentos que não podem ser adquiridos em nenhuma universidade. Ainda tem muito a dar.”

Finalmente, em 7 de julho de 1998, Gabriella saiu caminhando do Concord Hospital, como estava determinada a fazer, e voltou para a Grã-Bretanha. Lá, passaria mais sete meses em hospitais de Leicester e Londres, curando-se das últimas infecções e prosseguindo com a lenta reabilitação.

Estratagemas legais

NA AUSTRÁLIA, Stephen Rae ainda se recusava a admitir a culpa. Em uma série de depoimentos na polícia e em audiências preliminares, insistia que os ferimentos de Gabriella eram resultado de um pacto suicida que dera errado. A gasolina derramara no chão e Gabriella havia escorregado nela. Como continuava a mudar de advogados, a contagem regressiva para a data do julgamento sempre voltava à estaca zero.

Donna reconhecia o padrão dos acontecimentos. Howard Brown, da Liga de Assistência às Vítimas de Crimes, também estava acompanhando essas manobras nos tribunais e enviando claros sinais à polícia e ao escritório da DPP de que a liga estava interessada no caso.

Quando a própria Gabriella contactou a DPP, garantiram-lhe: “Não se preocupe. Vamos cuidar de tudo.

Você será informada do resultado.” Não havia necessidade de voltar à Austrália. Perplexa, Gabriella ligou para Donna:

– Não entendo. Estão dizendo que não precisam de mim agora. É como se eu não tivesse nada a ver com o caso. Como podem prepará-lo sem minha presença?

– acredite em mim – respondeu Donna –, eles esperam que você não esteja presente. Diga que você vem. É necessário. É parte de seu processo de recuperação ver a justiça sendo feita. Só então poderá passar à próxima fase de sua vida. – Donna estava inflexível. – Você tem de estar aqui. O juiz, o tribunal, todos devem vê-la e saber tudo que passou. Se precisar de mim, estarei lá com você.

Quando parecia que Gabriella seria chamada como testemunha, Stephen mudou sua declaração e os advogados. Mais uma vez o julgamento foi adiado. Mas Donna tranquilizou-a: “É tudo parte de uma tática para cansá-la, na esperança de que a vítima não tenha condições emocionais de comparecer ao julgamento.”

Em outubro de 1999, 18 meses após a agressão, Gabriella voltou à Austrália para o julgamento. Stephen Rae se declarava inocente da acusação de tentativa de homicídio. Ela passou duas semanas em um endereço secreto, preparando suas provas.

Dias antes do julgamento, Stephen mais uma vez dispensou seus advogados. Entretanto, depois de consultas com os substitutos, decidiu se declarar



Firme defesa – A solidariedade e os conselhos de Donna ajudaram Gabriella (à direita) durante o árduo processo de cura e busca de justiça.

culpado de tentativa de homicídio. A sentença máxima era de 25 anos de prisão. Gabriella não precisava mais levar provas ao tribunal.

A sentença foi adiada até dezembro. Antes disso, no entanto, com Gabriella de volta à Grã-Bretanha, Stephen tentou retirar sua confissão de culpa. Alegou ter sido mal orientado e coagido a se declarar culpado. Quando, porém, todos os seus antigos advogados foram intimados a fornecer provas da coação, a solicitação foi negada.

Em 23 de dezembro de 1999, a juíza Angela Karpin sentenciou Stephen Rae a 19 anos e oito meses de

prisão, 14 anos e nove meses dos quais em regime fechado.

Já então Gabriella fazia o melhor que podia com o que restara de sua vida. Retornou ao Concord Hospital para agradecer à equipe que a atendera. O Dr. Peter Haertsch e o Dr. Peter Kennedy ficaram maravilhados com o progresso que ela havia feito desde a última vez que a viram.

Antes de ela deixar a unidade de queimados, o chefe de enfermagem, Peter Campbell, conduziu-a ao leito de Thong Ma, 22 anos. Filho de imigrantes vietnamitas, ele tinha sofrido queimaduras graves ao bater com o carro em uma bomba de gasolina.

Para Gabriella, era como voltar no tempo, completando o círculo de solidariedade iniciado por Donna. Sentou-se ao lado do jovem e tocou-lhe a mão. Suavemente, disse-lhe: “Existe luz no fim do túnel. É uma longa jornada, mas você vai chegar lá.”

Gabriella passou vários dias com Donna em Wingham. “Certos fatos você simplesmente tem de aceitar”, afirmou Donna. “Mas pode escolher: ficar entre quatro paredes reclamando da injustiça da vida ou sair e agir.”

Donna falou sobre seu trabalho com outros sobreviventes de queimaduras e sobre o grupo de apoio que ela formara para tentar corrigir algumas das impropriedades do sistema de justiça criminal. Todas as segundas-feiras ela vai ao tribunal em Taree, uma cidade próxima, para ajudar vítimas de crimes a conhecer os caminhos do sistema: informá-las sobre seu direito de assistir aos procedi-

mentos no tribunal. Ela explica aos que sofrem com a violência doméstica como obter liminares.

Nesse meio tempo, Gabriella luta para recuperar algo próximo de uma vida normal. Mora sozinha em um pequeno apartamento em Londres e, desde a agressão, já perdeu cerca de dez quilos. Consegue andar no máximo 400 metros e agora nada regularmente, embora ainda se canse com facilidade. Capaz de transpirar apenas numa pequena área do corpo que não foi enxertada e com a nova pele extremamente sensível ao sol, é pouco provável que realize seu sonho de voltar a morar na Austrália.

Mas, com o incentivo e o exemplo de Donna, está tentando superar a dor e a agonia da experiência que viveu. Concluiu um curso de aconselhamento em Londres e hoje visita outros sobreviventes de queimaduras em hospitais ou em suas casas.

PERGUNTAS QUE NÃO CALAM



- Se Deus está em todo lugar, por que as pessoas olham para cima a fim de falar com Ele?
 - Como Tarzan conseguia se barbear?
 - Se a Mônica é do tamanho do Cebolinha e do Cascão, por que eles a chamam de baixinha?
- Por que as mulheres abrem a boca ao passar creme no rosto?
- Se casamento é bom, por que precisa de testemunhas?
- Se eu fizer um seguro de vida para o meu gato, precisarei pagar sete vezes mais ou sete vezes menos?
- Por que uma cenoura é mais laranja do que uma laranja?
- Se toda regra tem exceção, e isso é uma regra, qual é a exceção?
- Se tempo é dinheiro e tenho tempo sobrando, eu estou rico?
- Como a placa “É proibido pisar na grama” foi colocada lá?

—FERNANDO MELIS, São Paulo (SP)